

**TEXTO DE PROVOCAÇÃO À MESA-REDONDA
“UNIVERSIDADE E ESCOLA: UMA PARCERIA?”**

Vladimir Moreira (UEL)

RESUMO: O 1º. ESTAGIAR, evento específico para reflexões, debates e discussões sobre as práticas de estágio de língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa, apresenta, como característica principal, a busca de respostas para inúmeras questões que sempre nos incomodam em relação à formação metodológica de ensino-aprendizagem; o desenvolvimento crítico do aluno, tendo em vista de sua prática docente, estágio; e a relação entre a Universidade e a Escola, no que diz respeito ao estágio curricular e projetos de extensão. Nesse contraponto entre Universidade e escola, surgem relações que precisam ser analisadas, visto que, dependendo do viés que avaliamos, os questionamentos são também diferentes, são elas: as relações entre estagiário e professor da turma, professor da turma e estagiário, estagiário e escola, escola (direção ou coordenação pedagógica) e estagiário, estagiário e aluno, aluno e estagiário. Em cada viés, vários questionamentos, inúmeros debates, mas apenas um detém a complexidade dessas relações e que podem gerar grandes embates: há, nesse contexto todo, uma real parceria entre a Universidade e a escola?

PALAVRAS-CHAVE: metodologia; estágio; escola.

“O chão da escola”! Uma expressão muito utilizada pelos professores e profissionais do ensino fundamental e médio, e também título de um artigo: “Chão da escola: construção e afirmação da identidade” (MELO, 2009), retrata, indubitavelmente, o contexto de onde geram inúmeras discussões ao se avaliar a relação Universidade e escola.

Em uma primeira análise, verificamos que, na relação entre a Universidade e a escola, há um imbricamento semelhante ao conceito de “extensão universitária”, uma vez que podemos defini-la como um relacionamento entre a teoria e a prática, isto é, o conhecimento ultrapassando as barreiras e limites arquitetônicos da sala de aula, permitindo, assim, progressivamente, o aprendizado pela aplicação, ou seja, pela prática (SILVA, 1996). Assim, arriscamos dizer que, para a Universidade, o estágio é um momento peculiar de “extensão universitária”, ou melhor, da prática resultada dos estudos teóricos. Gonçalves e Pimenta (1990) consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da prática do curso. Para Pimenta e Lima (2009), “esse conceito provoca, entretanto, algumas indagações: o que se entende por

realidade? Que realidade é essa? Qual o sentido dessa aproximação? O aproximar-se seria uma observação minuciosa ou à distância?” Completamos: qual o aprofundamento da prática tendo em vista o tempo de estágio? E os limites dos estagiários no momento de intervir? Todas essas questões só terão sentido se forem avaliadas *a posteriori*, como uma retroalimentação advinda da relação Universidade-Escola-Universidade. Por fim, condensamos essas questões nas que seguem: como preparar o futuro professor para o exercício da docência? Qual é o melhor momento para isto?

Neste momento, pensamos novamente no estágio, visto que é nessa hora que o estudante de licenciatura começa a se sentir professor, por isso autores como Schön (1997) e Zeichner (1993) defendem que a formação profissional deve se dar em relação com a prática: não tem melhor momento para isto do que o estágio!!! Para Schön (1997), uma etapa importante da formação é “refletir sobre a ação”, nesta situação, o professor supervisor do estágio (universidade) e o professor da escola que recebe o licenciando são peças fundamentais, pois devem acompanhar o estudante nesta etapa da formação.

Para Paiva (2004), outra dificuldade para a realização do estágio é o pouco envolvimento da maioria dos professores dos cursos de licenciatura com a formação docente. A maior parte do corpo docente tem perfil de bacharel e não se interessa pela relação ensino-aprendizagem, pela relação escola-universidade, nem tampouco pela educação básica.

Focalizando especificamente o curso de Letras, verificamos que as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Letras (BRASIL, 2001) pregam que os cursos devam priorizar a abordagem pedagógica centrada no desenvolvimento do aluno, bem como promover a articulação constante entre ensino, pesquisa e extensão. É justamente essa articulação que incide diretamente no estágio.

Se o estágio já é um ponto complexo no currículo das licenciaturas, em Letras, este cenário se complica. Como tornar o estágio um momento significativo para o futuro professor em diferentes áreas do saber (análise linguística, literatura, leitura, produção de textos orais e escritos)? Para Neves (2000), “a questão da formação do professor de ensino fundamental e médio nos Cursos de Letras está longe de ter encontrado uma fixação de caminhos minimamente satisfatória” (p. 1). Ao discutir o desempenho dos Cursos de Letras na formação do professor, a autora questiona se “os alunos sabem, minimamente, o que fazer

com a linguística no ensino da língua” (p. 4), uma vez que a separação entre Linguística e Língua Portuguesa se evidencia dentro dos próprios cursos de Letras.

Outro tópico levantado pela referida autora é o ensino de gramática, ele se apresenta como uma grande preocupação para os professores. “O professor de português recebe na Universidade uma formação que lhe permita compreender – com todas as suas consequências – o que é língua em funcionamento, e, a partir daí, que lhe permita saber o que é ensinar a língua materna para os alunos que lhe são entregues?” (NEVES, 2000, p. 4). Como o estágio pode contribuir para fazer a relação entre teoria e prática?

A disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Língua e Literaturas Vernáculas I e II, ministrada no Curso de Graduação das Licenciaturas em Letras, é um espaço, sobretudo, de mediação entre as várias correntes teóricas que os graduandos estudam durante o curso e as dificuldades da prática de sala de aula observada no Estágio de Observação e colocada em prática no Estágio Supervisionado.

Por outro lado, temos o “chão da escola” e seus partícipes necessitando acompanhar as mudanças na relação social (família e comunidade) e no *modus vivendi* dos alunos. Estes passaram a levar para a sala de aula um conhecimento “estranho ao contexto escolar”, gerado pelo intenso contato com os meios de comunicação virtuais e sites de relacionamentos. O celular (e outros aparelhos eletrônicos) é hoje o grande vilão na sala de aula. Observamos que a busca de informações, de novos conceitos, de novas estratégias para amenizar tal situação é constante, haja vista a grande procura pelos Programas de Formação Continuada como, por exemplo, o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional).

Aprofundando um pouco mais esse contraponto entre Universidade e escola, surgem relações análogas que precisam ser analisadas, visto que, dependendo do viés, os questionamentos são também diferentes. Temos então as relações entre estagiário e professor da turma, professor da turma e estagiário, estagiário e escola, escola (direção ou coordenação pedagógica) e estagiário, estagiário e aluno, aluno e estagiário. Em cada viés, vários questionamentos, mas apenas um detém a complexidade dessas relações e que podem gerar grandes embates: há nesse contexto toda uma real parceria entre a Universidade e a escola?

REFERÊNCIAS:

BRASIL. MEC. CNE. **Parecer CNE/CSE nº 492, de 3 de abril de 2001**. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2001.

GONÇALVES, C. L.; PIMENTA, S. G. **Reverendo o ensino de segundo grau, propondo a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1990.

MELO, M. T. L. O chão da escola: Construção e afirmação da identidade. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 391-397, jul./dez. 2009. Disponível em <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/31/191>.

NEVES, M. H. M. Examinando os caminhos da disciplina Linguística nos cursos de Letras: por onde se perdem suas lições na formação dos professores. Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste, 18. **Anais...** Salvador: UFBA, 2000.

PAIVA, V. L. M. O. Avaliação dos cursos de Letras e a formação do professor. **Revista do GELNE**. João Pessoa, v. 5, n. 1 e 2, p. 193-200, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 79-91.

SILVA, M. G. M. **Extensão: a face social da universidade?** Campo Grande: Ed. UFMS, 1996.

ZEICHNER, K. M. **O professor como prático reflexivo**. Lisboa: Educa, 1993.